



**UNIVERSIDADE FEDERAL VIÇOSA**

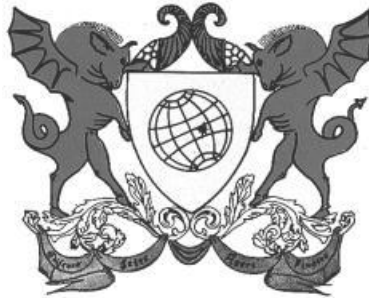
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES**

**DIREITO DE IR E VIR: ACESSIBILIDADE DE  
CADEIRANTES NO MUNICÍPIO DE VIÇOSA-MG**

**JÉSSICA MARTINS DE MIRANDA**

**ORIENTADOR: PROF. DR. MARCELO JOSÉ OLIVEIRA**

Viçosa-MG  
Dezembro/2017



**UNIVERSIDADE FEDERAL VIÇOSA**

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES**

**DIREITO DE IR E VIR: ACESSIBILIDADE DE  
CADEIRANTES NO MUNICÍPIO DE VIÇOSA-MG**

**JÉSSICA MARTINS DE MIRANDA**

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais

Orientador: Prof. Dr. Marcelo José Oliveira

Viçosa - MG  
Dezembro/2017

# **UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA**

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

## **DIREITO DE IR E VIR: ACESSIBILIDADE DE CADEIRANTES NO MUNICÍPIO DE VIÇOSA-MG**

**JÉSSICA MARTINS DE MIRANDA**

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Aprovado em 04 de Dezembro de 2017.

Membros da Banca:

---

Prof. Dr.

Orientador Marcelo José Oliveira

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Nádia Dutra de Souza

---

Prof. Dr. Douglas Mansur da Silva

VIÇOSA - MG  
Dezembro/2017

## *Dedicatória*

*Dedico o meu trabalho para todos aqueles que fizeram do meu sonho real, me proporcionando forças para que eu não desistisse de ir atrás do que eu buscava para minha vida. Muitos obstáculos foram impostos para mim durante esses últimos anos, mas graças a vocês eu não fraquejei. Obrigado por tudo família, namorado, professores, amigos e colegas.*

# Agradecimento

Ao longo dos anos que compreenderam a minha graduação, diversas pessoas foram de suma importância para que esse sonho se tornasse realidade. Por isso não poderia deixar de agradecer a cada um que, com gestos e sentimentos me impulsionaram a chegar a esse momento.

Agradeço aos meus pais, por todo amor, carinho e dedicação que sempre demonstraram por mim, o que sou hoje devo a vocês. A minha irmã que em conjunto com meus pais, são o meu suporte de vida.

Ao meu Príncipe pelo amor, companheirismo e por sempre me dizer que sou capaz de chegar aonde os meus sonhos almejem, eu te amo.

Agradeço aos professores do curso por todo conhecimento transmitido e por serem o pilar da minha formação. Em especial ao meu orientador Marcelo, que se tornou um grande amigo, obrigada por toda paciência e dedicação.

Agradeço aos meus amigos do curso de Ciências Sociais, presentes ao longo dessa jornada, nas atribuições e também nos momentos de alegria. Vocês em muitos momentos se tornaram importantes alicerces. Em especial ao meu amigo Diego, que se tornou um anjinho no céu e que sempre estará a nos zelar. Sinto saudades.

O caminho não foi nada fácil, cursar uma graduação sentindo dores de uma artrose é algo penoso, mas se hoje estou aqui é por encontrei pessoas pelo caminho que não me deixaram desistir. Toda a minha gratidão.

*“E guardemos a certeza pelas próprias dificuldades já superadas que não há mal que dure pra sempre” Chico Xavier*

*"Quando examinamos a desventura de alguém, lembrando as próprias deficiências, há sempre  
asilo para o amor fraterno"*

*Francisco Cândido Xavier*

# RESUMO

Os dados coletados pelo Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, realizado no ano de 2010, apontam que no Brasil 45.606.048 pessoas possuem algum tipo de deficiência, seja ela visual, motora, mental ou intelectual, correspondendo a 23,9% da população total do país. No município de Viçosa - MG não é diferente, onde 17,76% da população possui alguma deficiência, mesmo com uma significativa porcentagem, o que vemos é que esses indivíduos são invisibilizados da circulação física pela sociedade. E apesar da importância do tema, poucos estudos são realizados por cientistas sociais. A fim de entender como ocorre a mobilidade urbana de cadeirantes residentes no município de Viçosa-MG, realizei três entrevistas semiestruturadas com três cadeirantes, dentre elas duas mulheres e um homem. Foi realizado também uma entrevista com a professora Associada II do departamento de Educação Física, que ocupa a função de coordenadora da Unidade Interdisciplinar de Políticas Inclusivas (UPI) e de Presidente da CPAI - Comissão Permanente de Acessibilidade e Inclusão que coordena ações relativas a acessibilidade nos três Campi da UFV. O propósito da entrevista com a professora foi entender, a partir de sua percepção, a visão das instituições governamentais sobre políticas públicas para ampliar a acessibilidade de deficientes. A principal finalidade das entrevistas, realizadas com os deficientes físicos, consistiu na tentativa de realizar um mapeamento da cidade identificando os pontos de maior dificuldade de acesso e os pontos que são mais acessíveis aos cadeirantes. Pretendíamos também entender como se dá as relações sociais desses cadeirantes, dentro e fora de suas casas, e quem são as pessoas que mais assumiam o papel de responsáveis para que o acesso desse cadeirante ao ambiente urbano fosse possível, promovendo, conseqüentemente, o auxílio preciso para o exercício do Direito de Ir e Vir. Concluímos com o estudo realizado que a cidade não está preparada para receber esses indivíduos circulando por suas dependências e que apesar de todo avanço em relação à necessidade de adaptação dos espaços públicos, o que encontramos é uma acessibilidade precária para esses indivíduos, que muitas vezes ainda necessitam depender da solicitude das pessoas para acessar determinados lugares.

**Palavras-chave:** Necessidades Especiais, Cadeirante, Acessibilidade, Inclusão Social

# ABSTRACT

The data collected by the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE), conducted in 2010, indicate that in Brazil 45,606,048 people have some kind of disability, whether visual, motor, mental or intellectual, corresponding to 23.9 % of the total population of the country. In Viçosa - MG it isn't different, where 17.76% of the population has some disability, even with a significant percentage, what we see is that these individuals are invisible of the physical circulation by the society. And despite the importance of the subject, just a few studies are carried out by social scientists. In order to understand how the urban mobility of wheelchairs residing in the city of Viçosa-MG occurs, I conducted three semi-structured interviews with three wheelchair users, including two women and one man. An interview was also held with Associate Professor II of the Department of Physical Education, who is the coordinator of the Interdisciplinary Unit on Inclusive Policies (UPI) and Chair of the CPAI - Permanent Commission on Accessibility and Inclusion, which coordinates actions related to accessibility in three UFV Camp. The purpose of the interview with the teacher was to understand, from his/her perception, the vision of the governmental institutions on public policies to extend the accessibility of the disabled. The main purpose of the interviews, carried out with the physically disabled, consisted in the attempt to map the city by identifying the most difficult access points and the points that are most accessible to the wheelchair users. We also wanted to understand how the social relations of these wheelchair users take place, inside and outside their homes, and who are the people most responsible for making the wheelchair user's access to the urban environment possible, for the exercise of the Right to Come and Go. We conclude with the study that the city is not prepared to receive these individuals circulating through its dependencies and that despite all the advances in relation to the need of adaptation of the public spaces, what we find is a precarious accessibility for these individuals, who often still need to depend on people's willingness to access certain place

**Keywords:** Special Needs, Wheelchair Access, Accessibility, Social Inclusion



# LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Gráfico da distribuição de deficiências no Brasil – Cartilha do Censo 2010: Pessoas com Deficiência .....	17
Figura 2: Reportagem sobre Frente Parlamentar de Acessibilidade e Mobilidade no Jornal O Popular .....	19
Figura 3: Foto da cadeirante em sua cozinha adaptada. ....	31
Figura 4: Maquinas de Costura da entrevistada, acelerador indicado por setas. ....	34
Figura 5: Elevador da Biblioteca Central da Universidade Federal de Viçosa, com um aviso dizendo que está quebrado.....	34
Figura 6: Banheiro Adaptado no interior da Biblioteca Central da Universidade Federal de Viçosa. ....	35
Figura 7: Distância entre o Prédio do Departamento de Bioquímica e o Pavilhão de aulas B .....	36
Figura 8: Modelo de uma cadeira adaptada usada pelo entrevistado Eric.....	42
Figura 9: Rampa de metal removível .....	43
Figura 10 Faixa elevada na Av. Pordue .....	44
Figura 11 Prédio localizado na Praça do Rosário. ....	45
Figura 12 Cadeirante se deslocando pela rua na Avenida Castelo Branco (“Shopping Chequer”) .....	46
Figura 13: Lixeira que obstrui o caminho na Av. PH Rolfs .....	47
Figura 14: Calçada obstruída pelo poste, na Rua Virgílio Val (Rua do Supermercado Amantino).....	47
Figura 15: Estacionamento de vaga especial bem sinalizado .....	50
Figura 16: Carro flagrado por nós estacionado irregularmente na vaga reservada...52	
Figura 17: Foto do protesto em Viçosa. Imagem retirada de Jornal “Folha da Mata”55	
Figura 18: Adaptações realizadas na casa da entrevistada Conceição. ....	64
Figura 19: Banheiro adaptado para Analine na BBT.....	65
Figura 20 Mapa Central de Viçosa: Desafios da Acessibilidade .....	66



# LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ABNT** Associação Brasileira de Normas Técnicas
- BBT** Biblioteca Central da Universidade Federal de Viçosa
- IBGE** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- PVA** Pavilhão de Aulas A
- PVB** Pavilhão de Aulas B
- UFV** Universidade Federal de Viçosa
- PMV** Prefeitura Municipal de Viçosa
- CMV** Câmara Municipal de Viçosa
- CVMV** Câmara dos Vereadores do Município de Viçosa

# SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
1.1 Contextualização do problema .....	14
1.2 O problema e sua importância .....	17
1.3 Objetivos .....	20
1.3.1 Geral.....	20
1.3.2 Específicos .....	20
<b>CAPÍTULO 2 - REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>21</b>
<b>CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA.....</b>	<b>26</b>
<b>CAPÍTULO 4 - RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>30</b>
4.1 Conhecendo os entrevistados .....	30
4.1.1 Família.....	31
4.1.2 Trabalho .....	33
Lazer .....	40
4.1.3 .....	40
4.1.4 Mobilidade Urbana .....	41
4.1.4.1 Como circulam pelo município .....	41
4.1.4.2 Mapeamento das vias públicas das áreas centrais do município: pontos de melhor e pior acesso .....	43
4.1.5 Unidade interdisciplinar de Políticas Inclusivas (UPI).....	52
4.1.6 Grupo de Pertencimento e “Luta” por Direitos.....	54
<b>CAPÍTULO 5 - CONCLUSÕES.....</b>	<b>57</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>59</b>
<b>APÊNDICE A* .....</b>	<b>61</b>
<b>APÊNDICE B* .....</b>	<b>64</b>
<b>APÊNDICE C* .....</b>	<b>65</b>

# Capítulo 1

## INTRODUÇÃO

---

### 1.1 Contextualização do problema

O tema do presente trabalho surgiu devido as minhas experiências como usuária de cadeira de rodas e muleta. No ano de 2008 fui atropelada, na cidade de Rio Pomba – Minas Gerais, onde residia naquele momento e, como consequência, adquiri uma fratura do colo do fêmur. Realizei nesse ano 2 (duas) cirurgias e demorei cerca de 5 (cinco) meses para andar sem nenhum tipo de apoio, sendo eles cadeira de rodas e muleta.

Durante o período em que precisei usar muleta e cadeira de rodas, notei as grandes dificuldades que os deficientes físicos encontram todos os dias para circular pela cidade, pois há inúmeras calçadas irregulares, locais sem calçada, com muitos buracos, além da inexistência de rampas em diversos lugares.

Percebia também um olhar curioso das pessoas quando me viam andando com o auxílio de algum desses apoios. Um olhar que nem sempre era de compaixão, mais um olhar de curiosidade, que demonstrava que eles apenas queriam saber o que tinha acontecido comigo, sem pensar que poderiam estar me fazendo sentir mal sendo observada daquela maneira.

Com isso, comecei a refletir, colocando-me no lugar das pessoas que passam por essas situações todos os dias. Pessoas que não conseguem circular pelo município, pois a arquitetura oferecida pela cidade não lhes garante o direito de ir e vir, que apesar de todas as dificuldades físicas encontradas por elas, ainda tem que

enfrentar as dificuldades sociais, onde a própria sociedade lida de maneira excludente com os indivíduos que vivem a experiência da capacidade física do corpo sob outras condições, diferentemente da maioria da população, clinicamente e socialmente definidos como “deficientes”, “incapazes”, ou “portadores de necessidades especiais”. Ter vivido esta experiência como cadeirante me sensibilizou significativamente para as coisas do universo cotidiano destas pessoas. É fato a invisibilidade da circulação física deste público no município de Viçosa.

Outro ponto importante a destacar é a escassez de trabalhos de cientistas sociais sobre esse tema. Em pesquisa realizada na internet, incluindo as plataformas científicas em *open acces*, tivemos dificuldade de encontrar trabalhos de cunho antropológico ou sociológico que abarcam tal problemática. Em sua maioria, os trabalhos encontrados são de profissionais da saúde, arquitetos e engenheiros civis. O que enfatiza ainda mais a necessidade de um estudo dessa natureza.

A deficiência é caracterizada como qualquer outra condição especial humana, assim sendo, devem-se resguardar todos os direitos das pessoas possuidoras de deficiência. Para os fins legais, a deficiência é colocada como uma limitação física, mental, sensorial ou múltipla, que impossibilite a pessoa de exercer atividades básicas da vida cotidiana, impossibilidades essas que geram dificuldades de o indivíduo inserir-se socialmente.

O que define a pessoa com deficiência não é falta de um membro, nem a visão ou audição reduzidas. O que caracteriza a pessoa com deficiência é a dificuldade de se relacionar, de se integrar na sociedade, O grau de dificuldade de se relacionar, de se integrar na sociedade, de estar incluído socialmente. O grau de dificuldade para a inclusão social é que definirá quem é ou não pessoa com deficiência. (ARAUJO, 2011, p. 20)

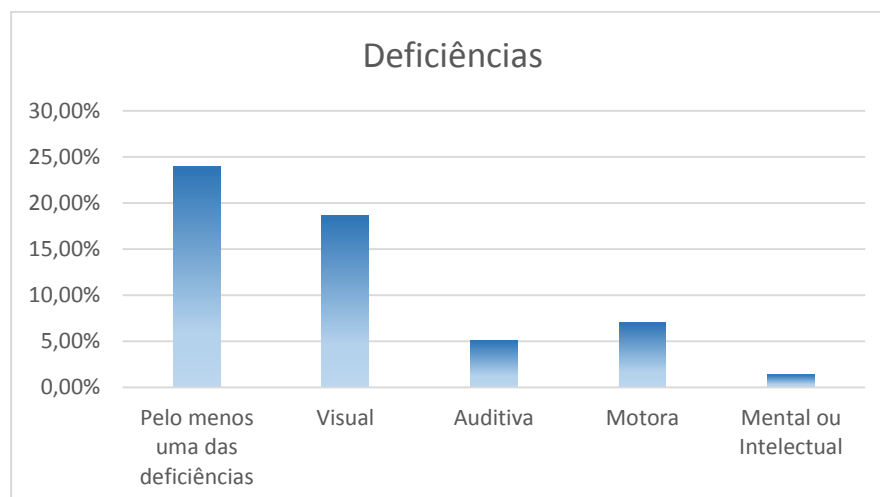
Segundo Flávia Piosevan, desvelar-se ao indivíduo sem levar em consideração suas peculiaridades, se torna falho, pois ocasiona a violação dos direitos. Por isso existe a necessidade de pensar em formas efetivas para assegurar e manter os direitos individuais de todos.

“...percebe-se, posteriormente, a necessidade de conferir a determinados grupos uma proteção especial e particularizada, em face de sua própria vulnerabilidade. Isso significa que a diferença não mais seria utilizada para a aniquilação de direitos, mas, ao revés, para a promoção de direitos. (PIOSEVAN, 2008, p. 888).

Ao analisar a questão da deficiência física com um olhar sociológico e antropológico vemos que a situação ultrapassa a questão biológica do indivíduo, se revelando muito além disso, pois implica na adaptabilidade social e no Direito de participação cidadã efetiva pelos que se encontram em tal condição. Questões sociais essas que levam a pessoa com deficiência a não participar da vida social. Se fechando dentro de suas casas e se tornando assim cada vez mais invisibilizados pela sociedade. Para tanto, vale ressaltar que a própria estrutura social que oprime a pessoa com deficiência, pois estar fora do que é tido como regras da normalidade faz com que o indivíduo seja oprimido pela sociedade, não participando efetivamente do convívio social como um todo.

“De um campo estritamente biomédico confinado aos saberes médicos psicológicos e de reabilitação, a deficiência passou a ser também um campo das humanidades. Nessa guinada acadêmica, deficiência não é mais uma simples expressão de uma lesão que impõe restrições à participação social de uma pessoa. Deficiência é um conceito complexo que reconhece corpo com lesão, mas também denuncia a estrutura social que oprime a pessoa deficiente.” (DINIZ, 2007, p.9)

Os dados coletados pelo Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, realizado no ano de 2010, apontam que no Brasil 45.606.048 pessoas possuem algum tipo de deficiência, seja ela visual, motora, mental ou intelectual, correspondendo a 23,9% da população total do país. Desses, 25.800.681 (26,5%) são mulheres e 19.805.367 (21,2%) são homens. Dos 23,9% da população com deficiência, 7% possuem deficiência motora, como se percebe no gráfico abaixo, fig. 1:



**Figura 1: Gráfico da distribuição de deficiências no Brasil – Cartilha do Censo 2010: Pessoas com Deficiência**

O município de Viçosa – MG está localizado na zona da mata mineira tendo como a capital mais próxima Belo Horizonte, MG (153 km). Sua principal referência é a Universidade Federal de Viçosa, onde grande parte de sua economia gira em torno. No ano de 2016 segundo informações do site da instituição, o número de matriculados na Universidade Federal de Viçosa era de 22.069. Segundo o IBGE, o município de Viçosa tem uma população estimada no ano de 2016 em 77.863 habitantes. Sendo desse total 51,54% mulheres e 48,46% homens. Os dados sobre o município ainda informam que existem cerca de 12.832 (17,76%) pessoas com algum tipo de deficiência, podendo ser auditiva, motora, visual, mental/intelectual. Do total de pessoas com algum tipo de deficiência no município, 6.055 (47,18%) são mulheres e 6.777 (52,82%) são homens.

## 1.2 O problema e sua importância

Diante do acima exposto pontuamos os seguintes questionamentos, tendo como foco o cadeirante: Quais as principais dificuldades de mobilidade do cadeirante no Município de Viçosa? Quais os fatos e aspectos mais caracterizam a relativa invisibilidade social do cadeirante? O seu Direito de ir e vir está sendo garantido pelas políticas públicas do município? É de percepção dos cadeirantes



que o crescimento urbano do Município de Viçosa tem apontado para melhores condições de sua acessibilidade? Os cadeirantes se sentem seguros nas atuais condições de mobilidade municipal? Em que medida, em termos de participação efetiva, os mesmos se percebem como pertencentes à sociedade em que vivem? Quais as estratégias empregadas pelo cadeirante no estabelecimento de sua rede social de trabalho e lazer? É a partir destas indagações que delimitamos a temática e o universo de investigação do presente trabalho.

Optei por realizar meu trabalho de conclusão de curso sobre esse tema, uma vez que ao percorrer o espaço do município de Viçosa-MG observei uma série de irregularidades no que diz respeito à acessibilidade. Percebi que as calçadas são irregulares e o comércio, em sua grande maioria, não permitem acesso aos cadeirantes. Identifiquei pontos de dificuldade de acesso até mesmo dentro do campus da UFV. A Biblioteca Central, por exemplo, possui escadas para acesso ao segundo e terceiro andar e o elevador encontra-se sem condições de uso há alguns anos, fato que impossibilita acesso aos cadeirantes.

O que me levou a melhor percepção desta ausência de acessibilidade foi o fato de no ano de 2012 começar a participar de um projeto de atividade física para deficientes físicos no departamento de Educação Física na UFV, denominado FORTALECER. O objetivo do projeto era proporcionar atividade de fortalecimento muscular adaptada para deficientes físicos, para que estes tivessem uma melhor qualidade de vida. O motivo de minha entrada no projeto foi por ter sido diagnosticada com Osteonecrose Avascular (artrose) na parte superior do fêmur devido a fratura ocorrida no ano de 2008. Por indicação de uma amiga me tornei aluna do projeto. Portanto, passei a ter mais contato com deficientes físicos, principalmente cadeirantes, que também participavam do projeto. Pude neste período ouvir vários relatos sobre suas dificuldades no dia a dia e me contavam como faziam para driblar as adversidades.

Em 2014 tive acesso a uma matéria do jornal "O popular" de Viçosa-MG, fig. 2, que informa sobre a criação de uma Frente Parlamentar de acessibilidade e mobilidade urbana na Câmara Municipal, que tinha a frente o vereador do partido PTB, Geraldo Luís de Andrade (Geraldão). Tal Frente Parlamentar tinha como proposta estabelecer parcerias, dentre elas, com o Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFV, com intenção de demandar levantamento e mapeamento técnico sobre as condições de mobilidade de Viçosa para deficientes físicos,

detectando as condições mais críticas com relação às dificuldades de acesso. Segundo a matéria, os vereadores integrantes da Frente ressaltam a importância de levar a questão da acessibilidade para discussão com a Associação Comercial de Viçosa, uma vez que vários comércios não destinaram recursos de infraestrutura e acabamento para a adaptação de acessibilidade destinada aos portadores de necessidades especiais. Outro objetivo da Frente seria a realização da Semana Municipal de Acessibilidade e Mobilidade, envolvendo palestras e atividades de participação pública, para ouvir, debater e deliberar encaminhamentos no enfrentamento das dificuldades e obstáculos que o segmento alvo vive no cotidiano.

Foi criado também no ano de 2014 na Universidade Federal de Viçosa – UFV, a Unidade Interdisciplinar de Políticas Inclusivas - UPI, que tem o propósito, segundo a coordenadora do órgão, de atender estudantes e servidores que apresentem algum tipo de necessidade, transtorno ou doença, que exija cuidados diferenciados.

Estes dois fatos demonstram que existe a necessidade premente de uma melhor adaptação dos espaços públicos e que algumas medidas estão sendo tomadas pelo município de Viçosa e pela Universidade Federal de Viçosa para melhorar a acessibilidade de deficientes.



**Figura 2: Reportagem sobre Frente Parlamentar de Acessibilidade e Mobilidade no Jornal O Popular**

## **1.3 Objetivos**

### **1.3.1 Geral**

Como objetivo geral, buscando compreender como ocorre a mobilidade urbana em Viçosa, analisando o território em que esses indivíduos circulam e as relações sociais construídas pelos mesmos no seu dia a dia.

### **1.3.2 Específicos**

Como objetivos específicos, nos preocupamos em levantar as principais dificuldades de mobilidade do cadeirante no Município de Viçosa, orientando-nos pelos fatos e aspectos que mais caracterizam a relativa invisibilidade social do cadeirante. Percebendo se seu Direito de ir e vir está sendo garantido pela implementação das políticas públicas do município. Também buscamos compreender se é de percepção dos cadeirantes que o crescimento urbano de Viçosa tem apontado para melhores condições de sua acessibilidade. Se estes se sentem seguros nas atuais condições de mobilidade municipal. Assim, com a delimitação destes focos, analisamos em qual medida, em termos de participação efetiva, os mesmos se percebem como pertencentes à sociedade em que vivem e quais as estratégias empregadas pelo cadeirante no estabelecimento de sua rede social de trabalho e lazer.

# Capítulo 2

## REFERENCIAL TEÓRICO

---

Uma das grandes dificuldades encontradas na produção deste trabalho foi justamente encontrar bibliografias especializada em Antropologia, ou mesmo em Ciências Sociais, que servissem de referencial teórico específico sobre “deficiente” e “cadeirantes”. Foram dezenas de artigos encontrados em enfermagem, fisioterapia e demais áreas da saúde, mas que não atendiam ao nosso enfoque, não suprimindo nossa necessidade pelo fato de optarmos pela não reafirmação da deficiência. Um de nossos focos foi de mais perceber a “deficiência” estrutural e de ações para a implementação de políticas públicas em prol da inclusão social do cadeirante. Débora Diniz afirma que no Brasil o campo da deficiência é pouco investigado, pois o termo ainda não se desvinculou da questão da lesão do indivíduo, levando muitas vezes ao pensamento de que a deficiência só diz respeito ao âmbito particular do indivíduo, em suas palavras:

Esse é um campo pouco explorado no Brasil não apenas porque a deficiência ainda não se libertou da autoridade biomédica, com poucos cientistas sociais dedicando se ao tema, mas principalmente porque a deficiência é considerada uma tragédia pessoal, e não uma questão de justiça social. (DINIZ, 2007, p.11).

Mesmo hoje, na busca de materiais para a presente monografia, ainda constatamos a dificuldade de material bibliográfico em Ciências Sociais e áreas afins. Em seu livro intitulado “O que é deficiência”, a autora realiza um resumo sobre a história de como a deficiência foi entendida pela sociedade ao longo dos anos. É a partir da década de 1970 que a deficiência deixa de pertencer somente ao campo

médico e começa a tomar corpo no campo de discussões sobre às questões sociais que levam a pessoa com deficiência a não participar da vida social, na condição de excluída e oprimida, aquém de seus Direitos.

Tendemos neste trabalho a abordar a condição de cadeirante a partir de sua experiência social, amparados por alguns conceitos pertinentes a relação indivíduo e sociedade, tendo os próprios dados obtidos como problematizadores da teoria, fazendo-nos repensar os conceitos. Acreditamos ser mais importante a experiência e os dados de campo para fazer uma releitura dos conceitos do que propriamente o conceito fazer uma releitura dos dados. Isso é o que entendemos por ciência antropológica, com o papel de nos aproximarmos do outro, chegar ao outro, e verificar junto aos nossos interlocutores de campo suas impressões e afirmações sobre seu universo social na condição de cadeirante, mostrando-nos como ainda existe um problema dado e não necessariamente uma solução dada.

José Carlos Rodrigues, seu livro *Tabu do Corpo*, afirma que não existe apenas um distanciamento social entre o sagrado e o profano, entre o desvio e a norma, entre o normal e o desvio, mas que existe também um distanciamento social entre uma sociedade real e uma sociedade ideal, e que qualquer forma de comunicação, de expressão verbal, sobre estes distanciamentos, deve previamente superar a própria distância entre as noções que se antagonizam. Para ele a comunicação ou ausência dela por algum de tipo proibição, exprime de alguma forma um tipo de relação entre os indivíduos pelo distanciamento.

Há, portanto, um distanciamento profano que a própria ideia de comunicação implica. Seu estudo é tão importante quanto o estudo do processo social de comunicação (aliás, um não faria sentido sem o outro), pois é dos espaços existentes entre eles que os diferentes elementos sociais retiram seus valores respectivos. (RODRIGUES, 2006, **p.34**)

O mesmo afirma que qualquer relação social entre os indivíduos é dotada de certa relação de negociação do “espaço social”, entre “eu” e os “outros”, e a relação de distância e proximidade (cultural, social e psicológica) entre os indivíduos depende de condições estruturais de uma sociedade concebida como um sistema de significação. Algumas relações de distância antagônica podem ser superadas,

enquanto outras são mais difíceis de superação, sobretudo naquelas relações em que se confundem a ordem da cultura com a ordem da natureza. Em nosso caso, ao portador de necessidades especiais de locomoção é, em termos médicos, conferido um “diagnóstico clínico” que lhe atribui uma ordem de natureza, que por sua vez lhe dificulta a desmistificação da sua incapacidade social imputada.

Rodrigues menciona alguns autores clássicos, como Durkheim e Freud, quando afirma que a socialização e os valores culturais de determinada sociedade funcionam como regras de conduta, pautando as normas e o (corpo) normal (ibidem, p. 37). Esta afirmação nos permite problematizar o corpo cadeirante vivido por um indivíduo com necessidade de se repensar nesta sociedade de caminhantes, num exercício simbólico muito mais criativo para encontrar seu lugar de Direitos e inclusão nesta sociedade. É colocado diante dele a vantagem do outro em detrimento da sua, de que terá de lidar com vários problemas, necessitando de um exercício intelectual radical para reivindicar e por em prática sua capacidade, tanto de compreender a própria condição física, que necessariamente não é a mesma que a sociedade do “normal” lhe imputa. Sobreviver a este estigma é no mínimo ter direito a saúde mental. Sabemos que há pessoas com problemas físicos sérios, levadas a viverem a condição de “outro”, do diferente, que também lhe obriga a desenvolver um nível refinado de tolerância e de afetividade.

Rodrigues postula que cada sociedade escolhe o que considera como “doença”, contrapondo as características da “normalidade por natureza”, e que é necessário uma análise mais acurada sobre as narrativas de “doenças” para cada sociedade. “A noção de doença pode ilustrar claramente esse fato: cada cultura escolhe, dentre muitas virtualidades algumas que configurarão sua definição de homem normal” (ibidem, p.40). Para o autor cada sociedade irá usar características diferentes para conceituar o que está fora da “norma”. Mas a principal simbologia existente para a sociedade em questão é o não querer se tornar aquilo que a diferencia, que em suma seriam os indivíduos que são situados fora do que é considerado normalidade.

A doença e o desvio são outros sentidos possíveis em relação a sentidos primeiros definidos culturalmente como normais. Rejeitados por um sistema, não são senão parcialmente, uma vez que, em outro plano, retornam a ele para aí desempenhar uma função significativa: a

de, embora a contragosto, expressar, por meio daquilo que ela não quer ser, aquilo que a sociedade é.”(RODRIGUES, 2006, p. 41)

A partir da discussão acima, podemos ponderar que no corpo do cadeirante estão presentes alguns tabus impostos pela sociedade, levando em consideração que o “corpo cadeirante” sempre estará distante da normalidade socialmente imposta, cuja relação não deveria se confundir com a pessoa que por necessidade se utiliza de uma cadeira de rodas, ou qualquer outra órtese que lhe permita a mobilidade física. Há uma tensão entre um corpo suporte de símbolos imputados e um corpo que ao mesmo tempo quer se libertar dos imputados, para cultivar os símbolos e significados que lhe permitam efetivamente a participação social sem a carga do estigma. Existe uma questão levantada por Rodrigues que nos é de fundamental importância: a de que o corpo humano é dotado de signos, que faz com que a sociedade muitas vezes se denote de inscrições para que possamos fazer parte da normalidade desejada por todos, tendo como exemplo registros corporais como a tatuagem ou procedimentos cirúrgicos que modificam o corpo.

Podemos nos questionar sobre o que acontece com um corpo que nunca conseguirá atingir os signos atribuídos pela presente sociedade, mesmo que tal indivíduo cadeirante faça suas “inscrições” para tentar chegar ao mais próximo possível do que é considerado normal, mesmo que necessite de uma órtese que lhe diferenciará dos outros. Outra importante reflexão neste trabalho diz respeito às inscrições sociais do corpo cadeirante que facilitam e dificultam a vida em sociedade. Se o maior estigma é sobre o corpo ou sobre suas limitações, na relação direta com movimento, temos aqui um problema central que deriva da condição física: a exclusão social pelo preconceito e pelo involuntário enclausuramento doméstico provocado. Pesquisamos uma população que vive a experiência, esta experiência excludente, e que lidam com uma sociedade que não está preparada para esta inclusão, e pouco se mobiliza para este preparo. Sociedade que termina por imputar no corpo do outro uma falta que é sua.

Nos termos de P. L. Berger e T. Luckmann (1976), a realidade é uma construção social que os indivíduos interiorizam, e reproduzem o que aprendem, objetivando o que foi aprendido. Esta possibilidade faz com que os objetivos das pessoas perpassem pelo o que foi aprendido com a sociedade que convivem, reproduzindo-a em processos de socialização primária e secundária, cuja dificuldade

---

para o cadeirante é principalmente no segundo processo, que lhe permitiria efetivo acesso a outras instituições sociais, acessando assim outras formas de socialização e se constituir como cidadão de plenos Direitos.



# Capítulo 3

## METODOLOGIA

---

Para a autora Arilda Smichdt Godoy a pesquisa qualitativa visa obter dados descritivos através do olhar dos entrevistados para entender os fenômenos pesquisados.

“Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.” (GODOY, 1995, p.57)

Dentro da categoria da pesquisa qualitativa, temos várias outras subcategorias de pesquisa, que podem ser, o estudo de caso, a pesquisa participante, pesquisa-ação, a etnografia, entre outros.

Segundo Magnani (2008), a etnografia no contexto urbano pode envolver duas coisas: estudar paisagem ou atores sociais, surgindo o dilema de fazer etnografia na cidade ou da cidade. Segundo o mesmo, o que interessa para os estudos sociológicos não é só a paisagem, mas os usos que se faz desses lugares, os significados que acionam. A paisagem é resultado das diversas interações e é preciso analisar quem está presente na paisagem, o Estado, corporações privadas, grupos que defendem a memória daquele lugar, moradores, turistas, passantes, dentre outros. É preciso entender o espaço de sociabilidade destes lugares. Magnani foi preparado para estudar etnografia na cidade, mas percebeu como o espaço urbano influência nas ações dos atores sociais.

O presente trabalho, assim como fez Magnani, pretendia analisar o espaço de sociabilidade dos lugares, precisamente no município de Viçosa. De início a intenção era de realizar uma etnografia com os cadeirantes, participar do dia a dia destes para ver de perto quais os lugares que lhe permitiam melhor e pior acesso. Porém, devido as minhas condições restritas de mobilidade (no momento que iniciei o trabalho, as minhas dores decorrentes da Osteonecrose haviam-se intensificado), mudamos para a modalidade de observação participante pelo próprio caráter e restrições que o campo se compôs, impedida que eu estava de maior tempo de envolvimento diário com os e as cadeirantes que se propuseram em ser interlocutores do presente trabalho. Quando havia melhorado, assumi imediatamente posto de trabalho como professora de sociologia no ensino médio em Rio Pomba, MG, na rede pública, o que também impôs restrições ao trabalho efetivo de observação participante.

Portanto, resolvemos despendar maior envolvimento com a pesquisa qualitativa a partir de entrevistas formais, utilizando questionário semiestruturado (Apêndice A), que não me traria a experiência de andar com meus interlocutores pela cidade, mas que, de certa forma, mostraria-nos através dos relatos dos cadeirantes quais são os seus lugares de circulação pelo município. Talvez, a meu ver, a metodologia utilizada me trouxe dados que numa etnografia não conseguiria perceber de imediato por estar envolvida demais com o tema do trabalho e partilhar com eles as mesmas dificuldades ao circular pela cidade. Os questionários semiestruturados foram construídos afim de abarcar de modo geral todas as questões que avaliamos ser relevantes para as discussões do trabalho. Algumas das questões só se tornaram relevantes a partir das falas deles, e outros questionamentos foram surgindo no momento da análise dos dados.

A fim de entender como ocorre a mobilidade urbana de cadeirantes residentes no município de Viçosa-MG, realizei três entrevistas semiestruturadas com três cadeirantes. Dentre elas duas mulheres e um homem. Foi realizado também uma entrevista com a professora Associada II do departamento de Educação Física, que ocupa a função de coordenadora da Unidade Interdisciplinar de Políticas Inclusivas (UPI) e de Presidente da CPAI - Comissão Permanente de Acessibilidade e Inclusão que coordena ações relativas a acessibilidade nos três Campi da UFV. O propósito da entrevista com a professora era entender, a partir de sua percepção, a visão das

instituições governamentais sobre políticas públicas para ampliar a acessibilidade de deficientes.

A principal finalidade das entrevistas, realizadas com os deficientes físicos, consistiu na tentativa de realizar um mapeamento da cidade identificando os pontos de maior dificuldade de acesso e os pontos que são mais acessíveis aos cadeirantes. Pretendíamos também entender como se dá as relações sociais desses cadeirantes, dentro e fora de suas casas, e quem são as pessoas que mais assumiam o papel de responsáveis para que o acesso desse cadeirante ao ambiente urbano fosse possível, promovendo, conseqüentemente, o auxílio preciso para o exercício do Direito de Ir e Vir.

Além disso, realizei um mapeamento da cidade, usando como orientação os lugares que foram explicitados pelos entrevistados, identificando os principais pontos que dificultam a acessibilidade desses sujeitos. Ao final do trabalho está anexado um mapa (Apêndice C) do centro do município Viçosa – MG, visto que são as áreas de maior circulação destes, com fotos dos principais pontos de grande dificuldade de circulação dos cadeirantes.

Nessa perspectiva, o trabalho foi dividido em alguns subtítulos nos quais caracterizamos as ambientações que avaliamos serem chaves sociológicas importantes para o entendimento da acessibilidade de nossos entrevistados no contexto do município de Viçosa, bem como para acessibilidade social que tais condições físico espaciais implicam; na seguinte ordem: a família como estruturante da acessibilidade dentro e fora do domicílio, neste sentido, precisamos perceber quem são as pessoas responsáveis por essa acessibilidade; o trabalho, sendo um dos lugares de maior circulação e permanência do cadeirante, bem como de extensão de sua rede social, e que também precisamos conhecer como é a acessibilidade dentro do trabalho e como eles se locomovem para chegar ao local; o lazer, como tempo de extensão de suas redes sociais, seja no universo doméstico ou nos lugares que frequentam em seu tempo livre. Outro ponto importante é compreender a mobilidade urbana dessas pessoas, sobre suas facilidades e empecilhos para locomoção e acesso aos meios urbanos para ir e vir. E, por último, o grupo de pertencimento e as relações que definem o próprio grupo, é fundamental que saibamos como é a relação dessas pessoas com os seus grupos de pertencimento, se existe algum tipo de associação e se são conscientes em relação à busca por direitos.

Em relação ao tópico lazer surge para nós com certa dificuldade, pela própria dificuldade, cremos, de nossos entrevistados em versar sobre esta prática social. A pouca informação do campo sobre o lazer é por si só um dado crítico. Crítico pela própria definição fluida que implica em se delimitar lazer conceitualmente. Crítica também para nossos entrevistados pelo fato de que lazer no jargão comum geralmente remete a movimento, locomoção. Em seu livro *Lazer e Cultura Popular*, o sociólogo Joffre Dumazedier conceitua o termo lazer como:

"o lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais." (DUMAZEDIER. 1973, p.34)

No conceito acima, “repousar” e “participação social voluntária” para nossos interlocutores de campo, supomos, soa, entre uma e outra, como uma tensão. Mesmo assim, o conceito acima citado possui uma visão menos ativa dos atores sociais. Existem estudos que relatam uma maior ação do indivíduo no tempo livre, como é o caso do sociólogo Valmir José Oleias que conceitua:

"O lazer, em sua forma ideal, seria um instrumento de promoção social, servindo para: auxiliar no rompimento da alienação do trabalho, apresentando-se politicamente como um mecanismo inovador aos trabalhadores na medida em que estabelece novas perspectivas de relacionamento social; promover a integração do ser humano livremente no seu contexto social, onde este meio serviria para o desenvolvimento de sua capacidade crítica, criativa e transformadora; e, proporcionar condições de bem-estar físico e mental do ser humano." (OLEIAS, 2003)

# Capítulo 4

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

---

### 4.1 Conhecendo os entrevistados

A primeira entrevistada, Conceição<sup>1</sup>, tem 57 anos, é aposentada e nas horas vagas é costureira, ficou cadeirante aos 11 anos de idade, por ter sido vítima soterrada de desmoronamento de terra, o que ocasionou lesão em sua coluna. Disse que não realiza nenhum tipo de tratamento médico para a lesão, pois afirma ter conhecimento de que não há cura.

A segunda entrevistada é uma jovem de 35 anos, Analine, funcionária pública, trabalha na Biblioteca Central da Universidade Federal de Viçosa. A causa de estar usando a cadeira de rodas foi uma doença adquirida na adolescência, trazendo dificuldades para andar, sendo um problema evolutivo. No período inicial da doença contou, para a locomoção cotidiana, com a ajuda principalmente da mãe, posteriormente passou a utilizar uma bengala e há três anos utiliza a cadeira de rodas. Ela realiza acompanhamento médico no hospital especializado Sarah Kubitschek, em Brasília, na tentativa de combater o avanço da doença, visto que há, segunda a entrevistada, diagnóstico de quadro degenerativo.

O terceiro entrevistado é um jovem, tem 21 anos. Eric é estudante de Biologia na Universidade Federal de Viçosa. A sua doença é na musculatura, fazendo com que o mesmo não tenha forças suficientes nas pernas, impossibilitando-o de manter-se de pé. Segundo ele, vive a doença desde seu nascimento, conseqüentemente nunca conseguiu andar. Seu tratamento é realizado com médicos especialistas em Belo Horizonte.

---

<sup>1</sup> Os nomes dos entrevistados são reais. Usados com o consentimento destes

### 4.1.1 Família

Conceição mora atualmente com a sua mãe e irmã. A mãe é uma idosa de cerca de 80 anos e a irmã tem problemas psicológicos. A irmã, apesar dos problemas psicológicos que aparenta ter<sup>2</sup>, tem papel fundamental de acompanhante da entrevistada.

Dentro de casa, ela realiza todas as atividades com autonomia, pois a casa é toda adaptada. Portas mais largas (90 cm), cozinha com fogão *cooktop*, fig. 3, balcão e pia da cozinha mais baixa, banheiro com vaso sanitário mais alto, pia mais baixa e suporte para tomar banho fixado na parede, e tanque de lavar roupas também mais baixo.



**Figura 3: Foto da cadeirante em sua cozinha adaptada.**

Morou nesta casa durante dezessete anos sem qualquer adaptação. Há dois anos que adaptou a casa à sua acessibilidade. A partir de então no espaço doméstico consegue exercer todas as suas atividades sem nenhum tipo de auxílio, já que a casa adaptada lhe oferece uma boa mobilidade. No espaço urbano suas atividades são realizadas com o auxílio da irmã, que sempre a acompanha em todos os lugares.

---

<sup>2</sup> Não sei se é um problema psicológico diagnosticado, mas, em uma conversa com a irmã de Conceição, percebi alguma alteração na forma como estruturou sua fala e se portou diante de mim, que suponho ser de ordem psicológica.

Durante a minha conversa com Conceição, o que pude perceber é que ela é a “chefe da família”. Que mesmo com todas as dificuldades enfrentadas por sua condição de cadeirante, ela tem papel fundamental na estruturação da família. Sua irmã tem problemas psicológicos e sua mãe é idosa, todas as duas necessitam de cuidados e é a entrevistada a responsável por tudo isso. Entre as atividades citadas que são realizadas pela entrevistada são a marcação de médicos para a irmã, dar os remédios nos devidos horários para mãe.

Do ponto de vista financeiro, a renda familiar é dividida entre Conceição e a mãe. A mãe é aposentada por idade e a filha por invalidez. Na época da entrevista me relataram que estavam tentando com que a irmã também conseguisse o auxílio doença, devido aos seus problemas psicológicos. Vale ressaltar que Conceição estava lidando com as questões burocráticas para conseguir a aposentadoria da irmã.

A outra entrevistada, Analine, mora com a família, residem com ela, pai e mãe e ainda possui uma ajudante que a auxilia, não necessitando a realização dos afazeres domésticos. No que diz respeito às suas atividades de cuidados pessoais, a mesma destacou que realiza sozinha, e que demanda tempo disponível, uma vez que suas condições físicas assim exigem.

Sua casa não é adaptada. Somente quando começou a necessitar do uso da cadeira de rodas que ela e sua família perceberam esta necessidade. Assim, decidiram iniciar a construção de uma casa projetada à acessibilidade, por exemplo, sem degraus e com barras de apoio para firmar-se com mãos e braços, entre outros itens, para facilitar sua locomoção. Analine disse na época da entrevista que por enquanto a casa não estava pronta, por isso ela ainda continuava morando numa casa sem adaptação.

Com relação aos instrumentos ou meios que favorecem a locomoção da entrevistada no espaço doméstico e urbano, a mesma afirmou que em casa a família prontamente lhe atende com relação à locomoção e no espaço urbano o auxílio do carro adaptado é imprescindível, necessitando apenas o auxílio de terceiros para tirar a cadeira de rodas do porta malas.

Eric, nosso terceiro entrevistado, diz que prioriza ao máximo sua independência de locomoção, raramente demandando o auxílio de outras pessoas para os afazeres do seu dia a dia. Dentro de casa faz tudo sozinho, e o trajeto casa-universidade (UFV) também faz sozinho, com sua bicicleta adaptada. Somente em

dias chuvosos que conta com o auxílio da mãe, que o conduz de automóvel. Morava no Bairro Santa Clara, e hoje ele e sua mãe moram no Centro, próximo ao Bar do Leão. Neste local construíram uma casa adaptada, facilitando suas necessidades. A casa possui portas largas, rampas de acesso etc. Futuramente será instalado um elevador para ele possa ter acesso ao segundo andar da casa, facilitando assim a sua circulação dentro do imóvel.

Ao fim da descrição da relação dos entrevistados com a sua família e qual a importância destes para a sua mobilidade dentro e fora de suas casas, podemos inferir que o núcleo familiar é fundamental, como primeira experiência de inclusão efetiva, operando ergonomicamente e afetivamente neste processo, com seus integrantes atuando como extensões das habilidades necessárias ao corpo, como “avatares” de pernas e braços, e na troca de relações fundamentais que lhe posicionam num universo elementar de pertencimento. Quando a casa não é adaptada ou quando os cadeirantes não têm um veículo de locomoção que facilite sua circulação, é a família que torna essa acessibilidade possível, tanto dentro, como fora de casa. Ajudando nas tarefas pessoais e na circulação pelo espaço urbano.

Não obstante, não podemos nos esquecer também da questão social e psicológica, muitas vezes por falta da mobilidade urbana para a circulação dos cadeirantes, eles acabam permanecendo muito dentro de suas casas, e o núcleo de amizade fica muito reduzido, e é na família que o deficiente físico encontra todo o apoio e carinho.

#### **4.1.2 Trabalho**

Como foi dito acima, Conceição é aposentada por invalidez e recebe 1 (um) salário mínimo. Tendo em vista que a renda é baixa, a mesma a complementa com o ofício de costureira. Suas máquinas de costura são adaptadas para a condição, fig. 4, os pés das máquinas foram cortados para ficarem em um tamanho adequado e a aceleração é feita com o cotovelo.





**Figura 4: Maquinas de Costura da entrevistada, acelerador indicado por setas.**

Analine possui o carro adaptado, sua locomoção até a Biblioteca Central da Universidade Federal de Viçosa é realizada através dele. Estaciona o carro aos fundos do prédio e algum funcionário do local a auxilia na retirada da cadeira de rodas localizada no porta malas, dirigindo-se a sua sala por entradas específicas aos funcionários. Em relação aos demais acessos ao ambiente de trabalho, revelou que existe uma grande dificuldade em acessar os outros andares do prédio, uma vez que o mesmo é feito por escadas e o elevador está em desuso há anos, fig. 5. Inclusive, havia o obstáculo para a utilização do banheiro, mas, depois de solicitar com insistência, à administração da universidade construiu um banheiro totalmente adaptado para uso apropriado pelo deficiente.



**Figura 5: Elevador da Biblioteca Central da Universidade Federal de Viçosa, com um aviso dizendo que está quebrado.**

Vale ressaltar que o banheiro adaptado localizado dentro da Biblioteca Central da Universidade Federal de Viçosa é de uso exclusivo de Analine, visto que ele se encontra em um espaço privativo para os funcionários, então os indivíduos que frequentam o espaço da biblioteca não têm acesso e não existe nenhum outro banheiro dentro dos quatro andares da biblioteca adaptado e/ou de acesso para deficientes físicos. O que demonstra a dificuldade da Instituição em atender a demanda de forma ampla, respeitando o direito democrático do deficiente físico.



**Figura 6: Banheiro Adaptado no interior da Biblioteca Central da Universidade Federal de Viçosa.**

A entrevistada já realizou um curso no espaço do PVA (Pavilhão de aulas A) e precisou usar o banheiro, afirmando que passou por uma situação muito constrangedora, já que os banheiros deste prédio não são adaptados. Enfrentou muitas dificuldades e precisou da ajuda dos colegas dentro do banheiro. Atualmente os banheiros do PVA são adaptados, mas ainda falta o acesso com rampas ao segundo andar, visto que o acesso só é realizado por intermédio de escadas.

Como já mencionado, Eric é estudante de Biologia da Universidade Federal de Viçosa, e ao tratar sobre suas dificuldades de acesso ao ambiente escolar, relata que nas ocasiões em que tem aula no Departamento de Bioquímica e logo em seguida no PVB (Pavilhão de aulas B), vive grande dificuldade de chegar ao outro prédio de aulas em um curto espaço de tempo, 20 minutos entre o término de uma

aula e o início da outra, pois precisa percorrer a distância de aproximadamente 1000 metros.



**Figura 7: Distância entre o Prédio do Departamento de Bioquímica e o Pavilhão de aulas B**

Para Eric, a rampa de acesso do PVB (Pavilhão de aulas B) é adequada, mesmo exigindo esforço além do normal, o que a torna inviável para alguns por ser muito íngreme, sendo que já presenciou cadeirantes que não a conseguiram subir. Por isso esforça-se ao máximo para marcar as aulas no primeiro andar e assim não ter a necessidade de subir a rampa. O entrevistado relata o fato do PVA (Pavilhão de aulas A) não possuir rampa e nem elevador para acesso ao 3º andar, mas afirma que o acesso para o 1º e 2º, que possuem rampas, são adequados, sem exigir demais do cadeirante.

Em relação às salas de aula, o mesmo relata que sempre senta no fundo das salas onde as cadeiras são fixas, pois a cadeira de rodas não consegue passar no meio das cadeiras das salas porque o espaço é muito pequeno. Prefere salas que são “auditórios” (essas salas possuem degraus por toda a sua extensão), mas que existem professores que falam baixo, não conseguindo assim escuta-los perfeitamente. Descreve ainda que existem salas de aula que o acesso é difícil, com degraus na porta de entrada e portas estreitas.

No prédio do Departamento de Biologia, o elevador ainda não está pronto, acredita que provavelmente irá formar antes do elevador acabar de ser instalado. Pois tudo é muito demorado quando se trata de obras públicas, mesmo que estas sejam de suma importância.

Sobre a Biblioteca Central, o entrevistado afirma fazer o possível para não precisar de sua utilização, pois as adaptações são muito precárias. Sua estratégia é no início do período letivo tomar conhecimento da bibliografia das disciplinas, pesquisar as obras que estão disponíveis na internet e baixar os arquivos das obras, quando não as encontra na rede pergunta para os colegas de classe se os tem e tenta obter emprestado com alguém que possua o livro para providenciar a fotocópia ou digitaliza-lo. Incluso o fato que nenhuma fotocopadora na cidade está adaptada para acesso de cadeirantes, local inclusive que consome uma significativa carga de horas da vida estudantil. Assim, raramente frequenta a Biblioteca Central ou se utiliza, em acesso pessoal, das lojas fotocopadoras, quando o faz sempre depende da boa vontade de alguém.

O Restaurante Universitário (RU) o entrevistado não costuma frequentar porque geralmente não coincide horário que ele tenha que ficar na UFV, acabando por almoçar sempre em casa. Lembrando que o acesso até a entrada deste local possui rampas que auxiliam o cadeirante, mas que a parte interna do restaurante deixa a desejar, uma vez que as mesas e cadeiras são dispostas muito próximas umas das outras, impossibilitando uma livre circulação dentro do espaço. Outro ponto a destacar é que mesmo tendo acesso ao restaurante é necessário auxílio para se servir, uma vez que a mesa buffet é alta. Devemos salientar que o RU é um importante espaço de socialização para os estudantes da universidade, já que o horário de almoço é um dos poucos momentos de tempo livre, e Eric acaba perdendo tais momentos por não conseguir priorizar o local. Mesmo que o priorizasse ainda lidaria com as restrições espaciais mencionadas, levando-o a necessariamente demandar por ajuda, justamente naquilo que geralmente em espaços públicos procedemos em completa autonomia, como se servir para comer.

Para o Eric, as ruas e os passeios localizados dentro da UFV são bons por serem amplos e com várias rampas. Andar em calçadas, segundo o mesmo, só é possível dentro da universidade, diferentemente do centro de Viçosa, que se compõe de passeios e calçadas extremamente inadequadas aos cadeirantes, o que não é raro se ver um cadeirante por vezes usando o espaço da via de acesso dos

carros, colocando-se em risco. Os espaços do campus são inclusive utilizados pela população para lazer em caminhadas, passeios de bicicleta, etc. Porém, pelos relatos com relação a acessibilidade no campus da UFV, percebemos que a diferença entre o espaço público aberto, e os espaços públicos fechados, como salas de aula, pavilhões de aula, biblioteca, posto de saúde, e prédios administrativos estão em descontinuidade em termos de acessibilidade.

Nosso entrevistado afirma que no prédio do Departamento de Solos, onde realiza uma disciplina de anatomia, localizada no subsolo, para acompanhar as aulas há a necessidade de conversar com o porteiro do prédio para abrir uma porta existente na lateral para poder ter acesso ao laboratório, e não há qualquer sinalização ou orientação em placas ou faixas para este acesso. E mesmo usando a rampa lateral existem carros que estacionam em frente à mesma, fazendo com que seja inevitável descer pela rampa lateral de gramado, levando a risco de queda por deslize, o que praticamente inviabiliza o acesso em dias de chuva ou de manhãs com denso orvalho.

A partir do que relatam nossas entrevistadas e entrevistado sobre suas experiências nas relações de mobilidade dependente no universo de suas ocupações, percebemos que Conceição goza de maior autonomia justamente por desenvolver suas atividades de complementação da renda no espaço doméstico adaptado para os trabalhos de costura, cuja extensão de sua rede social para além da família que habita se faz nas relações de atendimento de sua clientela em sua própria casa.

Analine e Eric tem como ambiente de trabalho e estudo a Universidade Federal de Viçosa. Ao analisarmos os discursos proferidos por eles em relação ao acesso ao local e sua permanência, o que verificamos é que o espaço externo aos prédios (as vias públicas, no geral) são bem adaptadas, calçadas largas e rampas de acesso adequadas. As relações de maior dependência começam a ocorrer no interior dos prédios, que não foram construídos adaptados para deficientes físicos, e o acesso e permanência fica prejudicado nestes locais. Existe a necessidade de os cadeirantes solicitarem a adaptação, o que na maioria das vezes demora, e enquanto a adequação dos espaços não fica pronto, os cadeirantes têm que se adaptar aos espaços que não são adaptados para eles. Assim, articulam uma possível rede social de ajuda, o que envolve estratégias específicas, cujas estratégias apontamos aqui como agência. Articular a inclusão no cotidiano envolve

habilidades pessoais destes atores sociais em acionar, pela via do trato com o outro, em termos de educação e etiquetas, uma rede social estável e, noutras situações, improvisada, pelo próprio imediatismo das situações e obstáculos que se apresentam no dia-a-dia.

Do até agora percebido sobre a inacessibilidade nos espaços da Universidade Federal de Viçosa, o que ocorre dentro da biblioteca é uma das mais graves, visto que a própria universidade produz a exclusão social e exclusão de conhecimento do cadeirante. Tanto a Analine, que é funcionária do local, quanto o Eric que é estudante da Universidade, não possuem acesso aos demais andares do prédio, o que os priva de conhecimento, já que os locais onde os livros ficam armazenados são no 2º e 3º andares do prédio. E o mais grave, os priva também de ampliar suas redes de sociabilidade por não poderem frequentar os andares de maior permanência e formação de vínculos sociais entre os estudantes, como é típico em uma biblioteca universitária. Os priva inclusive da melhor memória que levarão para suas histórias de vida, como aquela das longas horas de estudo e de trabalhos em grupo numa biblioteca pública, onde não só são tratados temas relacionadas a matéria e conhecimento, mas temas que muito aproximam os estudantes em vida íntima e privada, afetividade etc. Num lugar justamente em que só se pode conversar muito próximo aos outros, pois as conversas em voz alta é tabu. Sendo a Universidade um local que deveria ser exemplo de desenvolvimento social e humano, o que constatamos é que nos espaços de maior promoção de estabelecimento de redes sociais, de contato próximo, a exclusão social do deficiente físico ocorre de forma inflacionada, sobretudo na Biblioteca Central.

Precisamos entender que a exclusão infraestrutural (do não acesso a equipamento de acessibilidade), social (de mobilidade e acesso a espaços de convívio social) e simbólica (de significados que acabam fazendo com que o estigma seja vivido, levando ao mal-estar psicológico), o que conseqüentemente leva a exclusão social e ao constrangimento social que afeta a qualidade de vida do indivíduo.

No espaço doméstico existe as primeiras possibilidades de construir uma autonomia que independe dos órgãos públicos. Mas ao deparar-se com a vida pública em espaços abertos e fechados, públicos e semi-públicos, o desejo de autonomia se frustra e entra numa relação de dependência que o expõe em autoestima, o fragiliza.

### 4.1.3 Lazer

O que supomos, inversamente o que propõe o autor usado em nossa análise bibliográfica em relação ao lazer, é que a intensidade das relações sociais, para além do universo doméstico, é justamente nas relações de trabalho e quando acionam sua rede ocasional de ajuda para locomoção. De acordo com as respostas dadas pelos entrevistados quando perguntados sobre o que realizam em seu tempo livre, podemos elencar os seguintes argumentos.

Conceição em seu horário de lazer tem por hábito ir à casa das amigas, frequentar missas, e festas de família. Segundo ela, existe um desejo de participar mais efetivamente da igreja, mas por falta de tempo isto não é possível. Vale lembrar que, como dito acima, a entrevistada tem o papel de chefe de família em sua casa, com isso as suas obrigações são muitas no dia a dia.

Analine não relatou em sua entrevista suas atividades de lazer e Eric possui vida social bastante ativa: frequenta com assiduidade a academia e afirma: “não gosto de ficar parado”. Tem o hábito de frequentar a UFV para a prática de atividades físicas e também como forma de lazer.

Constatamos a certa ausência de narrativas relacionadas ao lazer, como um tema esvaziado de fator a serem contados. O que fica evidente é a falta de oportunidades de lazer para o deficiente físico na cidade de Viçosa, visto que, de acordo com as falas, o espaço da cidade não oferece uma boa mobilidade para este fim no que diz respeito aos que precisam de infraestrutura adequada. Se esses indivíduos não conseguem ter o seu lazer pelas imediações da cidade por falta de condições infraestruturais, a eles é negado o direito de ir e vir a atividades de suma importância, como as citadas acima, com referência a Oleias, principalmente as de âmbito reflexivo sobre sua condição física e social na possibilidade de se sentir incluso socialmente. Numa cidade de estudantes, como é Viçosa, cujos espaços de socialização são intensificados em lugares como bares, restaurantes, pequenas praças etc., os cadeirantes encontram grande dificuldade de circulação e acesso para seu lazer, desde que, de modo geral, portas são estreitas, calçadas estreitas e de passeios e rampas irregulares, trechos sem calçadas e muitos buracos nas vias públicas, além de lugares sem condições mínimas para um cadeirante ter acesso. Ir

a casa de um amigo que resida no miolo comercial da cidade, ou num bairro mais estruturado, seria uma grande dificuldade.

#### **4.1.4 Mobilidade Urbana**

##### **4.1.4.1 Como circulam pelo município**

Conceição diz que antes de adquirir o carro adaptado ela utilizava o transporte público. Sobre este período afirma a dificuldade de ajuda das pessoas, e que dependia da irmã para carregá-la no colo para entrar no ônibus, que na época não era adaptado. Seu primeiro carro foi adquirido no ano de 2006. Afirma que nos centros urbanos é sempre necessário um acompanhante. No município de Viçosa o único lugar que possui autonomia é o calçadão, mas se quiser entrar numa loja o acompanhante é necessário.

Analine utiliza o carro adaptado para circular pelas vias públicas do município de Viçosa. Geralmente transita sozinha e necessita do auxílio de alguém para retirar a cadeira do porta-malas do carro. Quando no espaço urbano afirma contar com a ajuda das pessoas, geralmente para transpor o meio fio ou para entrar e/ou sair de alguma loja. No que diz respeito ao transporte público, a mesma afirmou que não precisou fazer o uso depois que começou a utilizar a cadeira de rodas. Conta que teve problemas com transporte público, pois o ônibus parava muito longe do ponto de parada e demorava muito para que ela conseguisse chegar à porta. No entanto, relata que depois os motoristas passaram a conhecê-la e facilitavam a sua entrada parando em sua direção. Disse que já utilizou muito o ônibus intermunicipal e teve sérios problemas, pois a gratuidade das passagens era para o andar de cima e o banheiro era no andar de baixo. Além disto, estes ônibus de rota intermunicipal de longa distância não são adaptados para cadeirante, e para subir no mesmo é necessário ser carregada, pois o acesso é realizado pela escada.

Ao falar sobre a utilização do transporte público no município de Viçosa, Eric relata que nunca precisou usar, pois, por morar no centro, para ele é tudo perto. Vale lembrar que o entrevistado possui cadeira adaptada, fig.8, que permite pedalar



com a mão, facilitando a mobilidade. Com a cadeira com este recurso o mesmo consegue transitar por todos os lugares que necessita, apesar das barreiras encontradas pelo percurso. Quando necessita ir a algum lugar mais longe, conta com o apoio da mãe, o levando de carro. Afirma que os cadeirantes que ele conhece em viçosa tem o carro adaptado, o que não é o caso do carro de sua mãe.



**Figura 8: Modelo de uma cadeira adaptada usada pelo entrevistado Eric**

Em a relação diferença entre a classe social e a mobilidade, Analine disse que há sim uma diferença muito grande. Uma cadeira com mais recursos de acessibilidade e o carro adaptado fazem toda a diferença na mobilidade urbana dos cadeirantes.

As falas de nossos entrevistados nos remetem como o sistema público que deveria garantir a acessibilidade é falha, visto que todos relataram a dificuldade para a utilização do transporte público do município. Para vencer os obstáculos é necessário buscar alternativas técnicas, como o carro adaptado e a cadeira de rodas adaptada, que, no caso, se ponderarmos a condição de classe social no tocante a poder aquisitivo destes indivíduos, lida-se com outro problema a ser resolvido. Se não resolvido, restringem de forma significativa sua circulação pelas vias e espaços

públicos de trânsito e permanência, aumentando a permanência em suas casas, fechados na vida privada.

#### **4.1.4.2 Mapeamento das vias públicas das áreas centrais do município: pontos de melhor e pior acesso**

##### ***4.1.4.2.1 Rampas de acesso:***

Para Conceição, Analine e Eric, as rampas removíveis (fig.9) são consideradas inadequadas, pois é sempre necessário esperar alguém trazer a rampa para colocá-la no lugar que se faz necessário, e só assim conseguir acesso as lojas. Avaliam que muitas vezes é mais prático pedir a ajuda a alguém para entrar na loja, dispensando o uso da rampa, pois envolve praticamente dois trabalhos: o de se buscar a rampa e o de colocá-la no lugar adequadamente.



**Figura 9: Rampa de metal removível**

Conceição afirma ser a maioria das rampas de calçadas inadequadas, causando insegurança devido a angulação inadequada de rebaixamento, dificultando subida-descida suave, provocando solavanco. Citou o exemplo da faixa que existe na Avenida Purdue, localizada dentro da Universidade Federal de Viçosa (fg.10), sendo considerada excelente, pois é elevada, tornando-se também uma lombada, ficando na mesma altura da calçada.



**Figura 10 Faixa elevada na Av. Purdue**

A mesma afirma que para adentrar nas lojas, como afirmado acima, em sua maioria, existe a necessidade de acompanhante, por não serem adaptadas corretamente. Caracterizou a Loja Casa Eduardo (Av. Castelo Branco, 50 - Santo Antônio), de impossível acesso, sendo indispensável o auxílio de outra pessoa, além da irmã, o que ocorre na maioria das vezes com a ajuda do próprio funcionário da loja.

Analine descreveu como exemplo uma rampa existente na porta de uma padaria (Av. P H Rolfs) no centro da cidade, a qual é muito irregular. Incluso o fato grave de que na frente da mesma são colocados contêineres de coleta de lixo, o que impede a passagem dos/as cadeirantes. Expos que relatou o caso para vereadores e em órgão de administração da cidade e nada foi resolvido.

Constata-se que as rampas de acesso das áreas centrais do município em sua maioria são inadequadas para as necessidades dos cadeirantes, que mesmo os lugares em que se tentam realizar uma boa adaptação elas não são construídas corretamente, não atendendo as necessidades. Bem como constata-se, pelos depoimentos, a falta de interesse do poder público para a garantia da acessibilidade

dos cadeirantes a esses locais, já que a obrigação de fiscalizar tais ambientes é do município.

#### 4.1.4.2 Locais públicos de melhor e pior acesso:

Ao analisar os locais públicos do município, Conceição, elogiou o Prédio Professor Rolfs (“rainha da sucata”), localizado em uma das principais avenidas de Viçosa, a Avenida P H Rolfs, próximo ao acesso principal da Universidade Federal de Viçosa, sendo um dos locais mais movimentados do município, e outro prédio localizado perto da Prefeitura Municipal de Viçosa, na Praça do Rosário (prédio azul), fig.11: nesses locais, a calçada foi elevada e a locomoção para cadeirantes ficou completamente adequada, possibilitando a circulação sem a ajuda de acompanhante.



Figura 11 Prédio localizado na Praça do Rosário.

Importante destacar a dificuldade de um cadeirante em transitar nas imediações da Avenida Castelo Branco (fig.12), em frente à rodoviária do município, próximo ao “Shopping Chequer”, mais percebido, pela estrutura, como “camelódromo”, com estandes dispostas contiguamente ao longo da calçada, com roupas penduradas nas portas das lojas, balcão de mercadorias em cima das calçadas, além de passeio bastante danificado, com buracos e piso desnivelado. Mesmo para um caminhante transitar neste local é difícil e exige muita atenção,

principalmente em dias e horários de movimento de carros e pedestres. Pensemos então nas condições de acessibilidade e segurança tem que lidar um cadeirante neste local, que praticamente é o corredor de entrada da cidade, optando muitas vezes pelo mais arriscado, como flagrado na imagem abaixo.



**Figura 12 Cadeirante se deslocando pela rua na Avenida Castelo Branco (“Shopping Chequer”)**

Dentre outros lugares ruins para a circulação, Conceição destaca a parte alta da Rua Bueno Brandão, que é impróprio para a circulação, bem como a Rua Vaz de Mello, que possui calçadas esburacadas. Ambas localizadas no Centro do município de Viçosa.

Analine transita com maior frequência pelo Centro, nas imediações da Praça da Igreja Matriz, Rua Silviano Brandão e Av. Peter Henry Rolfs. Sobre o centro da cidade, considera as calçadas muito desniveladas, esburacadas, com a existência de postes em cima das calçadas, lixos e entulhos que obstruem a passagem (fig. 13). As rampas são muito íngremes, com o mesmo problema de angulação adequada, conforme já relatado sobre outros trechos da cidade, não cumprindo o papel de acessibilidade, levando o cadeirante a necessidade de ajuda de outras pessoas.



**Figura 13: Lixeira que obstrui o caminho na Av. PH Rolfs**

Nas mediações de seu bairro Conceição disse ter o habito de circular, saindo de casa de carro apenas quando em direção ao centro. Quando precisa utilizar o comércio do bairro é sempre a irmã que se incumbe da tarefa de lhe trazer as mercadorias de que necessita. Caracterizou como “caótico” a Rua Virgílio Val (Rua do Supermercado Amantino), por ser esburacada, estreita, com a existência de um poste em cima da calçada, localizado em frente ao Supermercado Amantino (fig. 14).



**Figura 14: Calçada obstruída pelo poste, na Rua Virgílio Val (Rua do Supermercado Amantino)**

Responsáveis pela gestão do Supermercado Amantino acreditam ser o estabelecimento comercial mais adaptado para o cadeirante dentro da cidade de Viçosa: o estacionamento é subterrâneo, possui vaga reservada para deficientes e um elevador. Os corredores entre as prateleiras são amplos, onde se consegue uma boa circulação. A adaptação também realizada no Supermercado Bahamas, localizado no piso térreo do Viçosa Shopping, também ficou adequada: instalaram elevador no local, que remete ao existente no Fórum do município, sendo um pouco maior, o que o caracteriza como melhor.

Perguntada sobre quais lugares do município de Viçosa permitem maior acessibilidade, Aneline colocou que mora no centro, mas se precisar fazer uma compra no supermercado vai para o Supermercado Escola (localizado dentro da Universidade Federal de Viçosa), pois lá tem uma vaga de estacionamento reservada para deficientes que, normalmente, é respeitada. Ela consegue transitar normalmente pelo supermercado e quando tem dificuldade em pegar alguma coisa nas prateleiras, que são altas, solicita um funcionário para ajudá-la. Sempre um funcionário se oferece para acompanhá-la nas compras, mas a mesma prefere fazer sozinha para ter mais privacidade. Sobre os lugares que possui dificuldade de acesso, a entrevistada colocou que existem vários, e que os evita, entre eles restaurantes, bares, mercados. Alguns locais possuem acessibilidade para adentrar, porém em seu interior depara-se com escadas somente e portas interiores muito estreitas que impedem a passagem de uma cadeira de rodas.

As impressões de Eric em relação à mobilidade urbana no município Viçosa é de que em certa medida houve uma melhora em rampas de acesso, mas que ainda existem vários lugares que precisam avançar nas demais adaptações dos interiores. Quando precisa ir à alguma loja de roupa, ao supermercado, ou ao shopping, afirma não ter grandes dificuldades e consegue desempenhar relativa autonomia, mesmo contando com uma rede de ajuda nestes locais, pelo longo tempo de relacionamento que tem com as pessoas que neles trabalham. Como afirma, por morar no município de Viçosa desde pequeno as pessoas já o conhecem e sabem de suas limitações. Sobre esta rede disposta ponderamos a relação entre “autonomia” e “anonimato relativo”, relação típica em meios urbanos maiores, que reforça a invisibilidade social, mas que em cidades menores ocorre com nuances de diferenças em termos de visibilidade social, sendo que esta visibilidade de alguma forma também os expõem ao preconceito manifestado em “compaixão”. Como o mesmo afirmou, se

outros cadeirantes desconhecidos forem nos mesmos comércios que frequenta não necessariamente terão o mesmo tratamento.

Ao falar sobre a conscientização e sensibilização dos comerciantes, Analine disse que é preciso que os cadeirantes saiam às ruas. Chama a atenção para o desconhecimento das pessoas sobre as leis de acessibilidade e da dificuldade de se fazer cumprir esta lei. Destacou que por mais que existam pessoas que se sensibilizem em ajudar, não é isto que o cadeirante quer, o que quer é ter autonomia.

Podemos constatar que os locais públicos possuem diversos problemas para o acesso de cadeirantes, e lugares que lhe permitem um melhor acesso são escassos. Mesmo assim, o acesso a estes reduzidos lugares com acessibilidade adequada ainda é dificultado, por não existir uma malha viária para cadeirante que garanta a mobilidade adequada, obrigando o trânsito por locais de difícil acesso. Mesmos fatos não são exclusivos de Viçosa, mas nesta cidade se inflaciona e se reafirma a exclusão produzida pela inadequação da infraestrutura e dos aparelhos de cidade no tocante a mobilidade do deficiente físico.

#### **4.1.4.2.3 Vagas de estacionamento**

Tema também importante nesta discussão é o direito ao estacionamento de veículos. Analine afirma que as vagas de estacionamento do município não há adaptação para deficientes e que a única existente, localizada em frente da Igreja Matriz foi construída de maneira errada. Para que as vagas de estacionamento para pessoas com deficiência sejam corretas para as necessidades dos cadeirantes, a vaga tem que ser maior e de preferência seja localizada no canto do estacionamento, para que outro carro não encoste do lado, o que dificultaria o cadeirante de sair de seu próprio veículo (fig.15).





**Figura 15: Estacionamento de vaga especial bem sinalizado**

Importante destacar um acontecimento que Conceição relatou durante nossa entrevista, sobre uma vez quando ia estacionar o carro na vaga especial localizada em frente à Igreja Matriz de Viçosa, viu que um carro sem cartão de identificação estava estacionado na vaga. Em seguida ela ligou para a polícia para registrar um Boletim de Ocorrência (B.O), enquanto o policial registrava o B.O o dono do carro chegou, usando como desculpa que apenas iria permanecer ali por 5 minutos, por isso teria estacionado o carro na referida vaga. Ela conta que mesmo o dono do veículo pedindo para que ela retirasse a queixa ela prosseguiu com o processo e do dono do veículo teve que pagar algumas cestas básicas para instituições do município. Dizendo que acreditava ser necessário esse tipo de ação por parte dela, pois as pessoas só começam a respeitar o direito do outro quando se “mexe no bolso”.

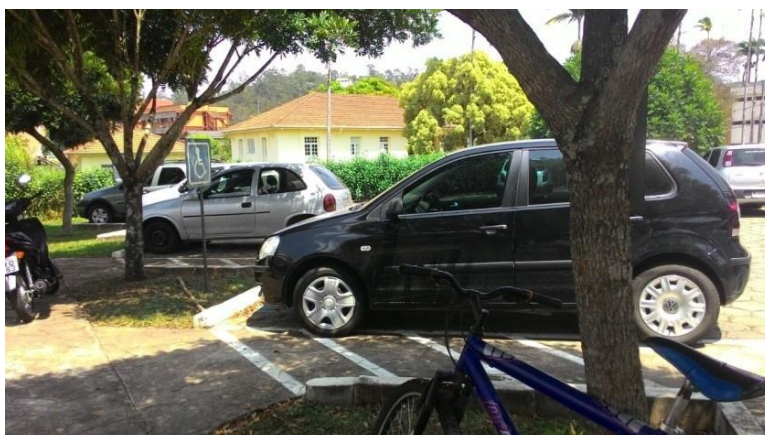
Um espaço considerado relevante para compreensão do tema diz respeito a acessibilidade na Universidade Federal de Viçosa. Um dos aspectos é também relacionado as vagas de estacionamentos. Analine destacou que existe uma vaga de estacionamento especial para deficientes próxima a Biblioteca Central da Universidade Federal de Viçosa, seu local de trabalho. Relata que muitas pessoas desrespeitam e ocupam com motos. Afirma que quando vê motos estacionadas na

vaga leva um papel escrito “a falta de respeito é uma deficiência grave” e cola nas motos. Mesmo tendo chamado a vigilância da UFV diversas vezes, sempre ouve que não poderiam fazer nada a respeito: não podem multar, nem prender as motos. Os vigilantes pediram para que ela solicitasse a pintura do chão da vaga, mas a mesma pontuou que não sabe se isso iria resolver. O que também nos coloca outro problema, que se trata da ingerência de agentes do serviço público, terceirizados ou não, na incompreensão da diligência que deveria ser feita em termos de encaminhamento, e devolvem sua responsabilidade para quem é a vítima, por ser tolhida em seus direitos.

Porém, também afirma que em relação ao espaço público aberto no perímetro da Universidade Federal de Viçosa, parece que está em outra cidade, pelo fato da acessibilidade ser adequada, apesar de alguns poucos problemas não menos importantes.

Muitas vezes a incompreensão de alguns usuários caminhanes manifesta-se de tal maneira que pode gerar preconceito percebido. Eric relata que na UFV vivenciou uma situação extremamente desagradável: sua mãe estacionou o carro no estacionamento do PVB, em uma vaga especial, e alguém escreveu no vidro no carro: para que usar a vaga especial se não precisa. Ele acredita que a pessoa não viu o cartão de deficiente que é colocado no painel, e diz que muita gente acha que o que identifica o carro do deficiente é o símbolo universal. Sendo que o que vale é o cartão para que o fiscal visualize. Ainda existe muita falta de conhecimento por parte das pessoas sobre os direitos da pessoa com deficiência.

No dia de nossa entrevista, enquanto esperávamos sua mãe vir busca-lo, ficamos parados perto do estacionamento do Pavilhão de Aulas B – PVB, e durante este tempo presenciamos diversas pessoas estacionando seus carros nas vagas reservadas para pessoas deficientes, fig. 16. Essas pessoas quando viam o entrevistado, ficavam sem “graça” e apressavam o passo ou fingiam que não estavam vendo o entrevistado.



**Figura 16: Carro flagrado por nós estacionado irregularmente na vaga reservada**

#### **4.1.5 Unidade interdisciplinar de Políticas Inclusivas (UPI)**

Sobre as questões de acessibilidade dentro da Universidade Federal de Viçosa, foi realizada uma entrevista com a Professora Adjunta II do Departamento de Educação Física, coordenadora da Unidade Interdisciplinar de Políticas Inclusivas (UPI). Criada em agosto de 2014, a Unidade Interdisciplinar de Políticas Inclusivas com intuito de fornecer inclusão, acesso e permanência no ensino superior. A UPI trabalha com adequações metodológicas avaliativas transformando o que é necessário, dependendo da especificidade de cada caso.

O objetivo da Unidade interdisciplinar de Políticas Inclusivas (UPI) é uma equiparação de oportunidades. O indivíduo chega à UPI com uma necessidade específica e a unidade tenta trabalhar as metodologias que são desenvolvidas em sala de aula, no sentido desse indivíduo ter a mesma oportunidade que as outras pessoas que não tem aquela deficiência específica. A entrevistada diz que “não existe nenhum processo de facilitação e nem de privilégio”. A partir do momento em que é conseguido equiparar essa oportunidade, o discente passa a ser exigido como qualquer estudante da universidade, levando-se em consideração a preocupação de

adequação do conteúdo e metodologias ao seu amplo e adequado acesso motor e visual.

Em relação aos problemas no âmbito estrutural encontrados dentro da Universidade Federal de Viçosa, contatamos com a entrevista junto a responsável pela unidade que existem obstáculos problemáticos que se colocam como desafios a serem vencidos. Primeiramente porque a Universidade Federal de Viçosa é muito antiga e, conseqüentemente, ainda existem prédios antigos sem qualquer estrutura que facilite obras para as adaptações necessárias. Para os prédios novos que estão sendo construídos há legislação que já obriga que eles sejam acessíveis. Segunda nossa entrevistada, nos prédios mais antigos gradativamente as adaptações vêm sendo realizadas, mas não com a velocidade que seria ideal para atender premente demanda. Em relação a adaptação dos locais das aulas, afirma que o aluno tem que informar os locais das aulas assim que é realizado o plano de estudo, para que a UPI entre em contato com o registro escolar e faça o pedido de uma realocação das aulas para espaços que sejam mais acessíveis para o mesmo. Relata que quando esse pedido é feito depois que as aulas começam esse processo de realocação é muito difícil, pois envolve a troca de turmas.

Percebe-se que a passos lentos a acessibilidade dentro da UFV vem acontecendo, apesar das grandes dificuldades encontradas. Dentre elas, podemos destacar algumas, como a enorme burocracia para se fazer adaptações que já deveriam estar prontas antes dos cadeirantes entrarem na Universidade. Na maioria das vezes os cadeirantes têm que fazer a solicitação à UFV, e a partir daí se abre um edital de licitação para que o serviço seja realizado, isso tudo demanda tempo, e enquanto não fica pronto, as adaptações o cadeirante tem que frequentar os locais lidando com sérias dificuldades que culminam com dispositivos de exclusão dentro da própria universidade.

Outro ponto a se destacar é a mudança de olhar das pessoas para a acessibilidade, durante a fala da professora, percebi que ainda existem alguns profissionais da Universidade que têm dificuldade de assumir suas responsabilidades em sintonia com a política de inclusão para melhor acessibilidade, como professores que algumas vezes resistem em trocar de sala para que o aluno ou aluna consiga ter acesso pleno ao seu direito, como, no mínimo, assistir as aulas adequadamente.

#### 4.1.6 Grupo de Pertencimento e “Luta” por Direitos

Existe em Viçosa 1ª Promotoria de Justiça<sup>3</sup>, que atua em Defesa dos Direitos dos Deficientes e Proteção aos Idosos, que, segundo uma de nossas entrevistadas, tem forte atuação no auxílio às pessoas deficientes, principalmente com ações judiciais para responsabilizar órgão e pessoas que faltam com suas obrigações na garantia dos direitos da pessoa deficiente. Participando de uma das reuniões da formação do Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência, Conceição relata que foi ali que percebeu as necessidades de outras deficiências que passava despercebido aos seus olhos. Bem, como tem percebido ao longo dos anos um aumento do número de deficientes, e pondera sobre a também crescente demanda por melhoras para que o deficiente tenha plenos direitos. Afirma que a lei beneficia em muito as pessoas com deficiência, mas que existem ainda o desconhecimento de muitos dos que mais precisam. O passe livre intermunicipal é um exemplo, cuja lei existe há muito tempo e somente agora as pessoas estão começando a descobrir a sua existência. A Lei Nº 8.899, DE 29 DE JUNHO DE 1994, enuncia no “Art. 1 É concedido passe livre às pessoas portadoras de deficiência, comprovadamente carentes, no sistema de transporte coletivo interestadual” (BRASIL, 1994).

A percepção de Analine sobre a questão dos direitos, e que participou de algumas discussões da administração pública municipal referente à acessibilidade, é de que as propostas são muito bonitas no papel, mas não saem dele, pois tudo ainda “está muito primitivo”. Disse que a lei que trata da acessibilidade já tem vinte anos, mas não é cumprida. Colocou que a administração local não realiza nada muito efetivo para melhorar a acessibilidade dos deficientes. Esteve presente em uma reunião de uma Associação que discute acessibilidade, mas em sua percepção notou que havia um discurso político e uma proposta apenas assistencialista, o que a desinteressou em continuar participando. Mencionou que esperava outro funcionamento, outra forma de gerir, e constatou o interesse desta associação estar restrito em buscar auxílio para cesta básica e remédios. Segundo a mesma, a associação não tem como marca o objetivo prático de lutar pelos direitos por uma

---

Áreas de atuação da 1ª Promotoria de Justiça de Viçosa: 1ª Vara Cível: Fundações, Defesa Direitos Deficientes E Proteção Aos Idosos e 2ª Vara Cível Registros Públicos, Defesa Da Saúde e Juizado Especial Cível

melhor acessibilidade para os deficientes da cidade, sendo que percebe em algumas pessoas que participam da associação uma postura de certa maneira individualista, por estarem interessadas somente no benefício das doações, perdendo de compreender o espaço como de luta por direitos.

Eric diz ter o conhecimento de que ocorrem algumas reuniões na Câmara dos Municipais. Relata que houve um protesto poucos dias antes de nossa entrevista, (fig. 17), porque havia caminhantes que estavam usando vaga especial para estacionar o carro e quando voltava o cadeirante estava esperando o motorista desocupar a vaga, sendo a desculpa quase sempre a mesma: a de que tinha deixado o carro na vaga especial por apenas 10 minutos e que a vaga estava liberada. O protesto consistia em colocar as cadeiras de rodas em todas as vagas que não eram destinadas para deficientes, com um bilhete na placa informando “volto daqui 10 minutos”.



**Figura 17: Foto do protesto em Viçosa. Imagem retirada de Jornal “Folha da Mata”**

O mesmo afirma ter participado de uma das reuniões que ocorrem na Câmara Municipal, com pauta sobre as mesas de barzinhos em cima das calçadas, e que apesar de todo o debate não percebeu nada de concreto realizado em relação ao problema até aquele momento. Reitera o fato de que não vê um projeto por parte da Prefeitura para a melhoria da estrutura física do município. Sobre as rampas, que também são alvos de reclamações em reuniões na Câmara Municipal, o entrevistado acredita que houve algumas melhorias, mas que ainda existe muito para ser feito

como por exemplo resolver o problema dos passeios que tem a faixa de pedestre, mas não tem a rampa de acesso, e vice versa. Diz ter conhecimento de um grupo que vai regularmente à Câmara Municipal para fazer reivindicações por melhorias, mas que não participa por falta de tempo, mesmo sabendo da necessidade destas ações pela existência de número expressivo de cadeirantes no município de Viçosa, mas que pouco os encontra circulando. Informação que confirma esta invisibilidade, mesmo para os que se encontram nesta condição.

# Capítulo 5

## CONCLUSÕES

---

Acredito que a principal importância desse trabalho é provocar a reflexão do leitor da mesma forma que aconteceu comigo no momento em que me vi numa situação de estranhamento com o meu próprio corpo e com a sociedade em minha volta, quando necessitei de apoios para me locomover. Vivemos em uma sociedade em que muitas vezes não refletimos sobre a realidade dada e aceitamos tudo, não nos colocando no lugar do outro.

As questões levantadas são de fundamental relevância para que possamos de alguma forma dar visibilidade para esses indivíduos que são invisibilizados. Invisibilizados por uma sociedade que não está preparada para lidar com indivíduos que fogem da normalidade ditada por tal. E também por uma cidade que não oferece uma boa estruturação para que esses possam circular sem empecilhos.

Podemos demonstrar através das entrevistas realizadas que a realidade do município de Viçosa em relação à acessibilidade está aquém do necessário. Encontramos diversos locais a inexistência de adaptações para esses cadeirantes. E em pontos que foram realizadas mudanças na arquitetura para o acesso desses indivíduos, o que vemos são irregularidades que não oferecem a acessibilidade desejada.

A Universidade Federal de Viçosa vista como pioneira de desenvolvimento de conhecimento em diversas áreas sociais e de tecnologia de ponta, ainda deixa a desejar em inúmeros quesitos quando o assunto é acessibilidade. Entendemos que a modificação das instalações de prédios antigos é moroso, por questões principalmente estruturais, e que a burocracia dificulta ainda mais todo esse processo, mas não podemos nos esquecer de que estamos lidando com indivíduos que precisam acessar as dependências desses locais todos os dias e que isso pode ser penoso para essas pessoas, tanto fisicamente como psicologicamente.

Dos principais pontos elencados pelos entrevistados, destacamos a existência da Associação dos Portadores de Necessidades Especiais no município de Viçosa,



porém de caráter mais assistencialista, pouco envolvida com as pautas relacionadas com a acessibilidade dos deficientes ao ambiente urbano de circulação, ou a reivindicações que atendam a classe como um todo. Nossos entrevistados manifestam certa frustração na participação junto a Associação, em função de como percebem as demandas que consideram mais prementes ao deficiente no que diz respeito seus direitos e às precariedades condições de acessibilidade na cidade.

Acontecem periodicamente reuniões na Câmara dos Vereadores de Viçosa, as pautas são de extrema importância, e as discussões bem produtivas, mas o grande problema é que os temas elencados nas reuniões não levam a efetivas mudanças no que diz respeito a providências que deveriam ser tomadas pelo poder executivo.

Outro ponto a destacar é o não interesse pela parte administrativa do município para a melhoria na acessibilidade dos espaços públicos para os deficientes. Isso pode ser comprovado pelo relato dos cadeirantes entrevistados sobre tal questão. Por isso, muitas vezes, os cadeirantes têm a necessidade de recorrerem ao Ministério Público, mais precisamente a 1º Promotoria de Justiça, que auxilia o portador de deficiência no município de Viçosa.

Para tanto, por falta de fiscalização do poder público em relação aos direitos das pessoas deficientes, estes necessitam, por eles mesmos, realizarem a fiscalização dos seus direitos. Realizando protestos, colando papéis quando o seu direito não é respeitado, como, por exemplo, numa vaga de estacionamento preferencial. Devemos levar em consideração que a principal mudança a ser realizada para que esses indivíduos consigam ter garantido o seu direito de ir e vir é a mudança de pensamento da sociedade.

Nenhuma efetiva mudança acontecerá em relação à acessibilidade, se em conjunto com todas as ações necessárias a serem realizadas pelo poder público, ocorra uma modificação no pensamento de toda a sociedade. O problema não será solucionado se em conjunto com todas as alterações arquitetônicas não houver uma mudança de pensamento dos indivíduos em relação aos cadeirantes. Precisamos entender que os cadeirantes querem ter autonomia para circular pelo município, sem quem sejam vistos apenas pelas restrições e limitações que possuem.

# REFERÊNCIAS

---

ARAÚJO, Luiz Alberto David. **A Proteção Constitucional das Pessoas com Deficiência. Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos.** Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência – CORDE. Brasília. 2011.

BERGER, Peter L.; LUCKMAN, Thomas. **“A construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do conhecimento”**. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

BRASIL. **Lei Nº 13.146, de 6 de Julho de 2015: Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Brasília, DF, Jul. 2015.

BRASIL. **Lei Nº 8.899, de 29 de Junho de 1994: Concede passe livre às pessoas portadoras de deficiência no sistema de transporte coletivo interestadual**. Brasília. DF. Jun.1994

Cadeirantes cobram respeito com os espaços destinados aos deficientes físicos no trânsito. Disponível em: <http://folhadamata.com.br/noticia-cadeirantes-cobram-respeito-com-os-espacos-destinados-aos-deficientes-fisicos-no-transito-989>

Acesso em: 20 de Nov. 2017

Desencantamento por Viçosa. Disponível em: <http://www.acessibilidadenapratica.com.br/textos/desencantamento-por-vicosa/>. Acesso em: 20 de Nov. 2017.

DINIZ, Debora. **“O que é deficiência”**. Coleção Primeiros Passos; 324. São Paulo: Brasiliense, 2007.

GOFFMAN, Erving. **“Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada”**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MAGNANI, José G.C. **“Quando o campo é a cidade: Fazendo Antropologia na Metrôpole”**. In: MAGNANI, José G. C & TORRES, Lilian L.T (orgs) .Na metrôpole. Textos de antropologia urbana. São Paulo: Edusp, 2008, 3 edição, pp.12-53.

----- **“Etnografia urbana”**. In: LEITE, Rogério P.S. & FORTUNA, Carlos. Plural de Cidade, Coimbra: Almedina, pp.101-113.

Mapa da Universidade Federal de Viçosa. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/place/Vi%C3%A7osa,+MG,+36570-000/@-20.7608797,-42.872606,17z/data=!4m5!3m4!1s0xa367957b79280f:0x4e25ad202eccda06!8m2!3d-20.7548659!4d-42.8785788>

Ministério Público do Estado de Minas Gerais. Disponível em: <http://www-antigo.mpmg.mp.br/portal/public/promotoria/buscarpromotoria?idPromotoria=849>

OLIVEIRA, Luiza Maria Borges. **Cartilha Censo 2010 – Pessoas com Deficiência**. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. 2012.

OLEIAS, V. J. (s.d.). Fonte: *www.cds.ufsc.br*: <http://www.cds.ufsc.br/~valmir/cl.html>

PIOSEVAN, Flávia. **Ações afirmativas no Brasil: desafios e perspectivas**. Estudos Feministas. Florianópolis, 16(3), 2008.

RODRIGUES, José Carlos. **“Tabu do Corpo”**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

Super Novidade! Hand Bike para o Lazer. Disponível em: <http://www.casadaptada.com.br/2015/03/super-novidade-hand-bike-para-o-lazer/> Acesso em: 20 de Nov. 2017.

VELHO, Gilberto. **“Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas”**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

VELHO, Gilberto. **“O desafio da proximidade”**. In: Pesquisas Urbanas. Desafios do Trabalho Antropológico, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

VIZIOLI, Simone Helena Tanoue & PERES, Patrícia Tonoue. **O Direito de ir e vir- Acessibilidade dos espaços de circulação do centro de São Paulo**, 2008. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/topos/article/viewFile/2283/2088>.

# Apêndice A\*

## ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

---

Idade:

Profissão/ocupação:

1- Como você realiza suas principais atividades cotidianas que envolvem deslocamento no espaço doméstico, no trabalho ou em demais atividades realizadas no espaço urbano? Você necessita de um/a acompanhante ou realiza suas atividades de forma individual?

---

2- O que favorece sua locomoção no espaço doméstico e no espaço urbano? (instigar a pessoa entrevistada a falar se a cadeira de rodas moderna e o carro adaptado facilitam a mobilidade).

---

3- Como morador de Viçosa-MG, quais são os principais lugares por onde você transita?

---

4- Quais os lugares/espços permitem maior acesso?

---

5- Quais os lugares/espços dificultam sua mobilidade?

---

6- Possui dificuldade de acesso no espaço do seu trabalho/ocupação? Se sim, como isso é contornado?

---

7- Você tem acesso ao comércio da cidade? (lojas, supermercados, padarias, farmácias). Percebe adaptação para pessoas com necessidades especiais frequentarem adequadamente estes locais?

---

8- Você já utilizou o transporte público da cidade?

---

9- Percebe uma reação da administração pública da cidade em direção a busca de melhorias para acesso de pessoas com necessidades especiais? Já ouviu alguma discussão sobre mobilidade urbana na câmara municipal ou em jornais locais?

---

10- Considera possível que um cadeirante que não tenha acompanhante, nem carro adaptado, possa transitar pelos espaços da cidade? Como isso aconteceria, já vivenciou por esta situação?

---

11- Você tem conhecimento de algum grupo/organização na cidade que se reúne para discutir mobilidade urbana para cadeirantes e pessoas com outras necessidades especiais?

---

12- O que acha que poderia ser feito na cidade para facilitar o acesso de cadeirantes? O que a administração pública e a população poderia fazer?

---

13- Considera que podem existir diferenças de mobilidade urbana de acordo com a classe social? Por quê? Alguns grupos/pessoas têm mais acesso à cidade?

## **Roteiro de entrevista**

Professora Associada do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa. Coordena o PROAFA - Programa de Atividade Física Adaptada que engloba projetos interdisciplinares de extensão financiados pelo PROEXT. É coordenadora da Unidade Interdisciplinar de Políticas Inclusivas (UPI) e Presidente

da CPAI - Comissão Permanente de Acessibilidade e Inclusão que coordena ações relativas a acessibilidade nos três Campi da UFV.

1 - Como surgiu seu interesse pelo tema da acessibilidade? Conte-me um pouco da sua trajetória.

---

2 - Quando foi criada a Unidade Interdisciplinar de Políticas Inclusivas? Quais os seus objetivos?

---

3 - O que já foi realizado nesse um ano de funcionamento da Unidade Interdisciplinar de Políticas Inclusivas? Ela tem alcançado as suas expectativas?

---

4 - O que é a CPAI - Comissão Permanente de Acessibilidade e Inclusão? Quais são os seus objetivos? Quais as ações realizadas por ela?

---

5 - Em sua opinião, quais as maiores dificuldades de acessibilidade que as pessoas com deficiência encontram na Universidade Federal de Viçosa e no município de Viçosa?

---

6 – Em sua opinião o que ainda é necessário ser feito dentro e fora do campus da Universidade Federal de Viçosa para que haja uma melhor acessibilidade para as pessoas com deficiência?

---

7 - O que a Universidade Federal de Viçosa tem feito para garantir acessibilidades para as pessoas com deficiência?

---

8 - Você tem conhecimento sobre o que a Prefeitura de Viçosa tem feito para garantir acessibilidade para os moradores da cidade?

---

9 - Você sabe se existe algum convenio entre a Universidade Federal de Viçosa e a Prefeitura de Viçosa com o objetivo de garantir acessibilidade as pessoas com deficiência? Se sim, quais as medidas que estão sendo tomadas?

# Apêndice B\*

## IMAGENS

---

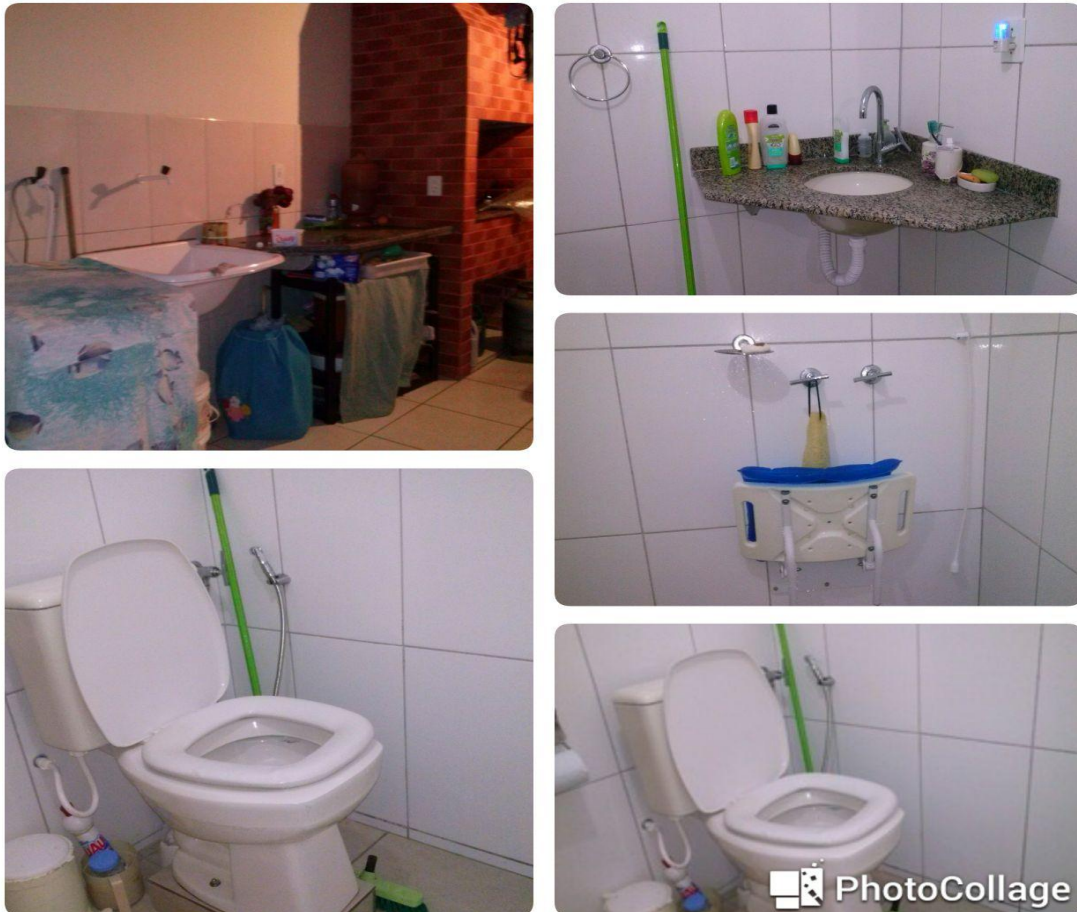


Figura 18: Adaptações realizadas na casa da entrevistada Conceição.



**Figura 19: Banheiro adaptado para Analine na BBT.**



# Apêndice C\*

## MAPA



Figura 20 Mapa Central de Viçosa: Desafios da Acessibilidade